

## RELAÇÕES DE PODER ENTRE OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS

M. A. LIMA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
limaremar@yahoo.com.br\*

Artigo submetido em julho/2015 e aceito em agosto/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.2626

## RESUMO

Este artigo põe em foco alguns dos principais aspectos tratados na obra *Estabelecidos e Outsiders* – de Elias & Scotson (2000) -, e a sua contribuição para esclarecer as relações de poder entre grupos socialmente distintos. O autor revela as características oriundas de um moralismo dos estabelecidos - que se posicionam como defensores de uma ética dos “bons costumes” – e a construção de

uma imagem negativa (pautada em fofocas) referente aos *outsiders*. A abordagem inclui a idéia de que é preciso ir além das estruturas de personalidades dos indivíduos para se chegar às razões geradoras de *preconceitos* e *estigmatizações* sociais, revelando, assim, as práticas que servem aos interesses de um grupo em oposição ao outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações de poder, ética, preconceitos, estigmatização.

POWER RELATIONS BETWEEN *THE SETTLED AND THE OUTSIDERS*

This article focuses on some of the main aspects in Elias&Scotson's (2000) work *The Settled and Outsiders* and its contributions for clarifying power relations between socially different groups. The author reveals moralistic features of the *Settled* - who take the position of defenders of a so called “good manners” ethics – as well as shows the creation of a negative image of the

*outsiders* based on gossip. The approach includes the idea that it is necessary to go beyond individual's personality structures in order to reach generating reasons of prejudice and social stigmas thus revealing those practices which serve the interests of one group as opposed to the other.

**KEYWORDS:** power relations, ethics, prejudice, stigmatization.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o foco principal voltado para a obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*<sup>1</sup>, cujos autores são Norbert Elias & John L. Scotson (2000), o presente artigo busca elucidar sobre a importância da metodologia *configuracional* (desenvolvida por tais pesquisadores) para explicar as relações de poder entre grupos socialmente distintos.

A obra citada é decorrência de uma pesquisa empírica, realizada no final dos anos 50, que durou aproximadamente três anos, pautada em observações e análises dos conflitos existentes entre habitantes estabelecidos – de uma pequena cidade inglesa (denominada, ficticiamente, de Winston Parva) – e os forasteiros *outsiders* que não partilhavam o modo de vida e os valores vigentes<sup>2</sup>. No mesmo período (e na mesma região onde a investigação foi realizada), Elias trabalhava para um Programa de Educação de Adultos, enquanto Scotson era professor de uma escola.

A abordagem sociológica, por eles desenvolvida, traz consigo questões de grande atualidade, como a violência, a exclusão social e a discriminação examinadas por meio de um ecletismo metodológico capaz de combinar dados de diferentes fontes (documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas, estatísticas oficiais, relatórios governamentais e, principalmente, observação participante). Por conseguinte, o tratamento e o cruzamento dos dados, oriundos de fontes diversas, permitiram uma significativa produtividade teórica frente ao conjunto de pontos de vista de cada grupo observado. Nesse sentido, quem lê tal obra é convidado a “[...] compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais.”<sup>3</sup>

Elias<sup>4</sup> deu início às investigações deparando-se, em Winston Parva, com denúncias de violências que estariam sendo praticadas por moradores de duas povoações (então formadas recentemente) situadas em torno de um bairro nuclear relativamente mais antigo. Entretanto, no terceiro ano de pesquisa, ele constatou que, entre as duas áreas maiores, as quais fomentavam a idéia de que uma delas era uma zona de delinqüência, a realidade de fato não confirmava tal característica. O pesquisador observou que era relutante a insistência de os moradores dos bairros mais antigos estigmatizarem o bairro mais recente quando, na realidade, o diferencial de delinqüência já houvera mais ou menos desaparecido. Em suas palavras:

---

<sup>1</sup> Livro propriamente etnográfico, editado pela 1ª vez em 1965. Na época, Norbert Elias era professor da Universidade de Leicester. A crítica ao citado “entendimento superficial e redutor” consta em mais detalhes na obra *Introdução à Sociologia*, de Elias (1980).

<sup>2</sup> Para esclarecimentos, “As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’. (...) a ‘minoridade dos melhores’ nos mundos sociais mais diversos: os guardiães do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, (...). Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.” (ELIAS, 2000, p. 7).

<sup>3</sup> Elias, 2000, p. 9.

<sup>4</sup> Para maior fluência do texto, em vários momentos farei referência a Norbert Elias (1897-1990) como sendo o principal realizador da pesquisa em Winston Parva. A participação do seu coautor na obra *Estabelecidos e Outsiders* - John L. Scotson - é aqui considerada como devidamente implícita.

Saber por que persistiam as opiniões sobre esses fatos, muito embora os fatos em si se houvessem alterado, foi uma das questões que se impuseram a nós no decorrer da pesquisa, ainda que não houvéssimos partido de uma determinação de explorá-la. Outra questão era saber por que os fatos em si se haviam modificado – por que o diferencial de delinquência entre os dois bairros havia mais ou menos desaparecido.<sup>5</sup>

Ao constatar que a violência não existia de fato, não conforme era apontada pelos estabelecidos que estigmatizavam os *outsiders*, houve um deslocamento de interesses reguladores do foco da investigação, que passou do problema da delinquência para o da relação entre diferentes zonas da comunidade. Nesta perspectiva, Elias procurou ir muito além dos meros levantamentos estatísticos baseados exclusivamente em declarações orais, buscando assim evitar que o problema da estigmatização social ficasse superficialmente no plano das opiniões de grupos e (ou) julgado como simples decorrência das estruturas de personalidades individuais. Ele aplicou os seus conhecimentos metodológicos para explicar as relações de interdependências entre os diferentes grupos sociais e as configurações<sup>6</sup> formadas nas combinações de tensões e singularidades entre grupos e indivíduos.

## 2 SOBRE OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

No intuito de melhor refletir sobre a obra em foco, reserva-se esta parte para uma breve incursão pelas ideias medulares que norteiam a esfera metodológica da pesquisa em Winston Parva. Nesse encaminhamento, algumas outras obras também serão brevemente citadas em busca de elementos enriquecedores para a compreensão de *Os estabelecidos e os outsiders*.

Elias, que é bastante conhecido (no meio acadêmico) por sua obra *O Processo Civilizador* (1993), entre várias outras, e a perspicácia de seus estudos sobre o desenvolvimento e o sentido dos esportes no ocidente (envolvendo jogos de tipos diversos), é um pesquisador que considera as inter-relações entre indivíduos (e grupos sociais) comparáveis aos comportamentos dos que participam de jogos – de cartas ou outros –, de modo que estes são metáforas das pessoas que constituem as sociedades, conforme mostra em sua *Introdução à Sociologia* (1980). Neste sentido, ele observa que o aumento numérico de participantes pode fazer o jogo mais complexo, embora não seja esse aumento necessariamente a causa principal de estímulo para as mudanças nas regras do embate. Considerando os *jogos de duas pessoas*, assim como vários outros modelos de maior número de participantes, o aumento no número de jogadores multiplica o número de cruzamentos possíveis entre os mesmos. Cada nova jogada pode surpreender e provocar novos posicionamentos entre os que ali estão inseridos. A jogada de cada um pode gerar mudanças na configuração do jogo, uma vez que os demais jogadores terão que reavaliar suas práticas e estabelecer novas estratégias diante de tensões recém-chegadas e provocadoras de novas configurações.

Eis o esforço do pensador para desenvolver um sistema de ideias capaz de captar o dinamismo e as transformações sociais, sem perder de vista as relações entre o um e o múltiplo, o

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 15.

<sup>6</sup> Configuração vista aqui no sentido dado por Elias (1980; 2000), isto é, uma formação social, cujo tamanho pode variar, e onde ocorrem inter-relações entre indivíduos ligados - uns aos outros - por modos específicos de dependências recíprocas. Numa configuração, supõe-se que ocorra um equilíbrio móvel das tensões.

jogador e o jogo, a parte e o todo; as demais partes, todas as partes e o todo. Assim, a configuração social é como um jogo em andamento, com transformações e movimentos que fazem parte de realidades sociais multifacetadas e tensões de interdependências.

Ele afirma que “Em vez dos jogadores acreditarem que o jogo vai tomando forma a partir das jogadas individuais, manifestam uma tendência (que cresce lentamente) a produzir conceitos impessoais que dominam a sua experiência do jogo.”<sup>7</sup> O autor substitui o conceito de *relação de poder* pelo termo *força relativa dos jogadores*, deixando claro que o poder não se concentra apenas em um grupo (ou indivíduo), pois existe a dependência mútua entre os participantes da dinâmica em andamento.<sup>8</sup> Afirma que “Durante muito tempo é particularmente difícil que os jogadores compreendam que a sua incapacidade de controlar o jogo deriva da sua dependência mútua, das posições que ocupam enquanto jogadores e das tensões e conflitos inerentes a esta teia que se entrelaça.”<sup>9</sup>

Um jogador depende dos movimentos dos demais que ali se encontram interligados, e o desenrolar dos movimentos (em suas multífaces e em ambos os lados) só pode ser compreendido e explicado em termos da dinâmica própria e imanente às suas relações de interdependência.

Ao considerar as relações entre familiares, Elias tem em vista que não apenas os pais têm poder sobre a criança, como também a criança tem poder, desde que nasce, sobre os seus pais. Não esquecendo que ocorre assim desde que os pais atribuam qualquer tipo de valor à criança. Em suas palavras: “Igualmente bipolar é o equilíbrio de poder entre um escravo e o seu senhor. O senhor tem poder sobre o escravo, mas o escravo também tem poder sobre o seu senhor, na proporção da função que desempenha para o senhor – é a dependência que o senhor tem relativa a ele.”<sup>10</sup>

Portanto, o autor consolida a sua visão de um poder que se estende numa dinâmica de possíveis múltiplas relações de interdependências, ou seja, não é unilateral – nem unidimensional –, o poder não é propriedade exclusiva (e definitiva) de um indivíduo e ou grupo social, mas sim resultante de tensões móveis em inter-relações sociais (re)configuráveis. É a partir de tais observações que Elias traça um mapeamento da configuração social em andamento. Apoiado em ideias como as *metáforas dos jogos*, ele compõem um núcleo metodológico, um eixo para as suas investigações diante das multífaces que compõem as realidades sociais, inclusive aquelas, inicialmente citadas, envolvendo conflitos entre estabelecidos e *outsiders*.

Heinich<sup>11</sup>, ao escrever *A sociologia de Norbert Elias*, reconhece que tal pesquisador vai além da teoria de Karl Marx, pois mostra que a discriminação apoiada nas diferenças econômicas não é o caso mais característico ao se tratar dos processos de segregação ou de estigmatização. A pesquisadora identifica o respeito de Elias pela obra pioneira de Marx, mas destaca as críticas feitas pelo autor de *Os Estabelecidos e os Outsiders* à hipótese de causalidade baseada no primado do econômico (este considerado insuficiente para explicar as relações de discriminação interna do mundo operário). Nessa perspectiva, a luta de classes não constitui um conceito capaz de dar conta das relações de dominação entre os grupos.

---

<sup>7</sup> 1980, p. 99.

<sup>8</sup> *Ib.*, p. 81.

<sup>9</sup> *Ib.*, p.99.

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 81.

<sup>11</sup> 2001, p. 109.

Portanto, ao ir além das diferenças de recursos econômicos para compreender as relações de poder, Elias identifica fatores como: o capital de antiguidade das famílias (que não é simbolizável por objetos) e das elaborações fantasiosas (imagens do próprio grupo, de seus ancestrais e do ideal coletivo que aproxima os membros de uma rede de velhas famílias). Evitando o uso do termo *elite* como qualificativo de grupos dominantes (tendo em vista que o mesmo remete a qualidades substanciais; estáticas), o pesquisador observa que a antiguidade tem caráter instável, ou seja, só se é mais antigo em relação a outro que tenha chegado mais recentemente, mas basta confrontar-se com outro ainda mais antigo para perder o benefício.

Daí a sua preferência pelo termo *established*, pois este é empregado para marcar uma diferença de posição em um jogo social que é reconfigurável frente às demais posições dos elementos circundantes, não se tratando de uma concepção rígida e fotográfica, e sim de uma compreensão que põe o sociólogo no dinamismo de uma rede de relações em movimento. Por outro lado, o autor tem em vista que a antiguidade de um coletivo (tanto o do convívio em um local geográfico quanto o da genealogia de uma família nobre), embora relativa e instável, pode ligar fortemente os membros de um grupo por meio de um passado comum, conforme ele percebeu durante a sua pesquisa em Winston Parva.

Em suas reflexões, Heinich chega a afirmar que “Esta dessubstancialização e a relativização do parâmetro discriminatório fornecem um modelo geral para qualquer relação de dominação hierárquica, [...]”<sup>12</sup>, tendo em vista que mecanismos de segregação, de exclusão e de desigualdade (entre adultos e crianças, entre heterossexuais e homossexuais, entre homens e mulheres, etc) podem ser explicados a partir do que fora elaborado pelo referido sociólogo.

Outro importante referencial teórico de Elias (1994) é a sua obra *A sociedade dos indivíduos*, na qual constam reflexões sobre a relação entre a pluralidade de pessoas e o que chamamos de “indivíduo”, em resumo, ele defende que tal oposição consiste em uma polaridade irreal de caráter artificial que não resiste aos estudos empíricos. Por esta via, Elias admite que se pode distinguir as particularidades de uma sociedade, e reconhecer a existência objetiva de determinado indivíduo, mas isso não significa que tal experiência sirva para a generalização do “indivíduo” em si (ou da “sociedade”) e, assim, dirige duras críticas contra a produção de conceitos abstratos que se distanciam do que é real. Tal generalização é vista apenas como uma construção mental, muitas vezes carregada de ideologia que favorece os interesses de um (ou de outro) grupo. Diante desse quadro, o pesquisador tem em vista que o real consiste no jogo social de relações de interdependências numa teia configuracional (também envolvendo o imaginário e o simbólico, nem sempre visíveis a olho nu, embora acessíveis à descrição) cujas posições individuais são geometricamente variáveis conforme as situações, os movimentos, as tensões, os deslocamentos de cada “jogador”, assim como dos grupos inseridos no “jogo”, conforme também é observado por Heinich<sup>13</sup>.

Portanto, tal pensador põe em foco as relações reguladoras do exercício de liberdade e, na medida em que identifica as posições e os elementos de uma teia configuracional, resolve estudar não a ação isolada de um suposto líder (ou de um liderado) ou de qualquer outro participante do “jogo”, mas a função desempenhada por cada um dentro de uma rede de pressões na qual está inserido. O pesquisador Roger Chartier, ao escrever o *Prefácio* de outro destacado trabalho de

<sup>12</sup> 2001, p. 107.

<sup>13</sup> Op. cit.

Elias, intitulado *A sociedade de corte* (2001), também ressalta a importância do procedimento metodológico do referido autor em oposição às abordagens tradicionais, estas criticadas por serem baseadas na existência de um indivíduo plenamente livre, cuja vontade seria reinante e fundadora de todas as suas decisões e ações.

### 3 VOLTANDO À PESQUISA EM WINSTON PARVA

Uma vez expostos os principais referenciais teórico-metodológicos, é hora de uma retomada das questões ligadas mais diretamente à obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*, na qual o autor registra que os conflitos, entre antigos moradores e recém-chegados em Winston Parva, ocorreram com os primeiros dispostos de maior poder de coesão entre si, enquanto os últimos, ao contrário, não se conheciam enquanto vizinhos (além de não conhecerem os que moravam ali há mais tempo). Os estabelecidos, usando o poder de coesão de grupo – desenvolvido desde longa data – reservaram para os seus membros os cargos mais importantes das organizações locais, como a escola, o clube e o conselho, evitando que os *outsiders* chegassem a tais posições.

O autor explica que os estabelecidos fizeram uso de uma arma poderosa, ou seja, a fofoca (o *disse me disse*), para divulgar as características ruins – a exemplo da anomia –, que se manifestavam numa pequena parcela dos *outsiders*, mas que eram comentadas como se fossem aspectos predominantes e representativos de todo o conjunto de recém-chegados. Em contraste, o grupo estabelecido alimentava uma autoimagem baseada em sua minoria considerada moralmente exemplar (seus “melhores” membros).

As fofocas, entre os estabelecidos, propagaram-se numa rápida velocidade pelos canais das suas instituições facilitadoras das reuniões de grupos (como escola, igreja, clube, etc). Os *outsiders*, sem disporem de instituições desse tipo em suas localidades recém-formadas para moradias, não contaram com os mesmos instrumentos que os seus opositores, ou seja, além de não se conhecerem entre si, não tiveram tantos pontos de encontros para desenvolverem uma coesão de grupo e a propagação de insultos que caracterizassem um revide. Mesmo quando um grupo *outsider* lançava termos estigmatizantes sobre os estabelecidos, os supostos revides nada significavam para aqueles já firmemente posicionados na coesão de seus grupos. Ao refletir sobre isso, Elias considera que “[...] Quando eles (os revides) começam a ser insultuosos, é sinal de que a relação de forças está mudando.”<sup>14</sup>

Em Winston Parva, a parte mais antiga da cidade fora construída 80 anos antes da pesquisa de Elias, o que dava aos seus moradores um forte sentimento de pertença ao lugar. Mesmo sendo, desde o seu início, um povoado industrial cujos habitantes não exerciam atividades agrícolas, essa parte mais antiga era carinhosamente chamada – por seus habitantes – de “a aldeia”. Posteriormente, foram edificadas, nas décadas de 1920 e 1930, novas casas ao norte da mencionada “aldeia”, compondo uma zona erguida por construtores locais para atender às necessidades de negociantes e profissionais liberais. Um tempo depois, vários operários prósperos firmaram-se como comerciantes que tinham moradia na zona antiga e ramificações de negócios na zona norte.

---

<sup>14</sup> Elias, 2000, p. 27.

Uma terceira zona foi construída na década de 1930, por uma empresa particular de investimentos, e tal novidade foi a que causou inquietude entre os moradores antigos. Eles diziam que a área (onde foram construídas as novas casas) era pantanosa e infestada de ratos. Por essa razão os aldeões passaram a chamá-la de “beco dos ratos”. A primeira leva de recém-chegados para esta área foi a de operários imigrantes – especializados ou semiespecializados – sem grande diferenças salariais dos já estabelecidos, que vieram em busca de novas oportunidades e empregos. Mas os novos operários diferiam dos mais antigos em suas tradições, costumes e estilos de vida. Um bom número de casas permaneceu sem inquilinos até 1939. Em 1940, quando a Inglaterra sofreu fortes bombardeios, muitos desabrigados foram levados para Winston Parva, e foi lá que uma fábrica de armamentos, cuja sede havia sido destruída em Londres, foi instalada – num prédio fabril fora de uso – a fim de produzir equipamentos para as forças armadas. Conforme Elias:

Essa súbita ‘imigração em massa’ teve um forte impacto nos residentes e nos imigrantes. [...] Eles (os desabrigados) tinham perdido suas casas e quase todos os seus pertences familiares nos bombardeios. O apelo de um industrial da região obtivera resposta imediata, sob a forma de doações de roupas, utensílios de cozinha e móveis recolhidos pelos ‘aldeões’. Ao narrarem esses acontecimentos, entretanto, os residentes mais antigos raramente deixavam de mencionar que alguns dos donativos recebidos pelos imigrantes haviam aparecido, dias depois, nas vitrines da loja de penhores.<sup>15</sup>

Com o tempo, o desequilíbrio na relação de poder, entre os grupos citados, foi tanto que os *outsiders* passaram a incorporar as qualidades negativas que lhes foram atribuídas pelos estabelecidos. Nesse sentido, “[...] os grupos *outsiders*, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam efetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana”<sup>16</sup>. Assim, uma reputação ruim dada a um grupo pode fazê-lo corresponder ao que a ele fora jogado como marcador de identidade, fazendo-o corresponder a uma expectativa presente naqueles que o estigmatizam. O grupo mais marginalizado de Winston Parva ainda conseguia revidar de forma sub-reptícia, mas, observa Elias, estando o “jogo” em andamento, não há como garantir em que medida um grupo vai (ou não) sair da apatia frente à estigmatização produzida pelos estabelecidos. Não há previsão segura sobre o quanto ficará sufocado na própria passividade que contribui para fortalecer as normas agressivas que buscam constrangê-lo, pois existe uma dependência da situação global, dos vários movimentos dos diversos jogadores envolvidos no “jogo”.

O autor observa que, entre os *outsiders* mais desprezados, crianças e adolescentes eram rejeitados e tratados com frieza pelos colegas considerados “respeitáveis” da “aldeia”. Os rigores e crueldades do desprezo eram maiores quando relacionados a estes jovens *outsiders* do que o estigma dirigido a seus pais. Isto porque o temor dos “maus exemplos” era justificado pela defesa de uma “boa moral” para os jovens “respeitáveis”, enquanto estes deveriam lutar contra seus próprios impulsos internos de desregramento.

Por outro lado, na medida em que a minoria mais rebelde dos jovens se sentia rejeitada, ela própria procurava revidar portando-se mal de maneira ainda mais agitada. Sendo destrutivos, barulhentos, insultuosos, eles incomodavam àqueles que os rejeitavam, “Eles gostavam de fazer

<sup>15</sup> *Ib.*, p. 63.

<sup>16</sup> *Op. cit.*, p. 28.

exatamente as coisas que lhes eram censuradas, como um ato de vingança contra aqueles que os censuravam.”<sup>17</sup>

O autor revela, assim, as relações situadas entre o moralismo dos estabelecidos, que se posicionavam como defensores de uma ética dos “bons costumes” (mas construíam uma imagem negativa – pautado em fofocas – do outro grupo), e o desconforto dos outsiders.

Elias também compara tais comportamentos com os de outras culturas, buscando mostrar que o caso de Winston Parva não é o único com estas características. Ele mostra, por exemplo, que os barakumins japoneses, provavelmente descendentes de grupos encarregados de atividades profissionais de baixa categoria naquele país (ligadas à morte, ao parto, ao abate de animais e seus derivados), sofreram forte segregação hereditária mais ou menos a partir de 1600. Os barakumins, que têm a mesma origem da maioria dos japoneses, foram tão estigmatizados que “O contato com eles era tido como poluidor. Exigia-se que alguns usassem um pedaço de couro na manga do quimono. O casamento misto com a maioria dos japoneses era rigorosamente proibido.”<sup>18</sup>

Ele afirma que se trata mais uma vez de uma relação do tipo *estabelecidos versus outsiders*, ou seja, de origem inteiramente social. Porém, o grupo dominante (que se opôs aos barakumins) exibiu recentemente os resultados de testes de QIs – realizados por seus psicólogos – como demonstrações de supostos déficits intelectuais e afetivos de crianças descendentes dos chamados párias. Os resultados foram divulgados como se fossem realmente provas de que crescer como membro de um grupo *outsider* resulta em déficits intelectuais e afetivos. Tudo isso como forma de desviar a atenção, dentro do jogo social, para que não se perceba que tais aspectos não se devem às diferenças raciais ou étnicas, mas sim ao fato de um dos grupos ser estabelecido e mais dotado de recursos de poder.

Existe ainda uma tradição de fofocas, entre a maioria dos japoneses, no sentido de afirmar que os barakumins carregam um sinal físico azulado, abaixo das axilas, como marca hereditária da sua inclusão no grupo dos párias. A imaginação estabelece aí, segundo Elias, um estigma material; algo *coisificado*. Em casos como esse, o pesquisador identifica que há, nos estabelecidos, o interesse em atribuir à natureza (e ou a Deus) a responsabilidade pelas marcas que serviriam como indicadoras das supostas inferioridades dos *outsiders*, de modo a eximir o grupo estigmatizador de qualquer comprometimento que o coloque como o inventor de tamanha fantasia. Em outras palavras, aquele que estigmatiza quer convencer e persuadir a todos no sentido de que as forças que criaram o universo colocaram um sinal identificador de inferioridade nos *outsiders*, a exemplo dos que dizem: “não fomos nós, foi o próprio Deus”. Também é observado que outras características, como cor da pele, traços fisionômicos e biológicos, modo de falar e de mover o próprio corpo, etc, são ou foram usados, por grupos estabelecidos, com a mesma função objetificadora identificada naquele caso do suposto sinal azulado dos barakumins.

O autor tem em vista que os estabelecidos buscam no sinal físico identificar um símbolo tangível de pretensa anomia do outro grupo. Tal símbolo serve como pretexto a fim de posicionar o outsider como sendo humanamente inferior e intrinsecamente mal; “(...) assim como a fantasia

---

<sup>17</sup> *Ib.*, p. 30.

<sup>18</sup> *Ib.*, p. 31.



do estigma azul, a referência a esses sinais 'objetivos' tem uma função de defesa da distribuição vigente de oportunidades de poder, bem como uma função exculpatória."<sup>19</sup>

Um dos modos de amenizar o impacto dos *golpes*, dados por estabelecidos, é a posse de uma tradição cultural própria por parte dos outsiders. Elias dá, como exemplo, o caso do povo judeu, cuja tradição, que incorpora uma rigorosa relação com o saber livresco e "[...] uma alta valorização das realizações intelectuais, tem a probabilidade de proteger as crianças desses grupos, até certo ponto, do efeito traumático exercido em seu desenvolvimento pela exposição à estigmatização perpetua por parte do grupo estabelecido [...]"<sup>20</sup>

Assim como os judeus, outros grupos são apontados como os que sofreram (e sofrem) estigmatizações sem necessariamente apresentarem significativa inferioridade econômica. Isso quer dizer que o fator econômico-material (que não é menosprezado pelo pesquisador) não é o único em jogo nessas relações de poder. Para o autor, o aspecto econômico ganha destaque máximo (como causa dos conflitos e diferenças sociais) quando o desequilíbrio de poder entre os envolvidos nas contendas fica mais extremo e a favor dos estabelecidos. Por essa visão, aqueles que se encontram na miséria material tendem a dedicar todos os seus esforços (e tempo disponível) à sua sobrevivência básica (comer, ter onde morar e o que vestir), sem condições de reconhecimentos de outros problemas que não sejam os econômicos-materiais.

Entretanto, quando a diferença de poder econômico diminui entre estabelecidos e outsiders, outros aspectos não econômicos tornam-se mais claramente reconhecíveis na dinâmica dos conflitos e tensões. Portanto, quando vivem no nível da subsistência, os grupos outsiders têm o montante de sua receita preponderando sobre todas as suas outras necessidades. Mas, conforme passam a dispor de melhores rendas, a viver acima do nível da subsistência, mais e mais os seus recursos econômicos vão servindo para atender a outras aspirações humanas que não somente aquelas necessidades animais ou materiais elementares. Nestes casos, os outsiders tendem a sentir mais claramente a inferioridade de poder e de status a que são submetidos. "É é nessa situação que a luta entre os estabelecidos e os outsiders deixa de ser, por parte destes últimos, uma simples luta para aplacar a fome, para obter os meios de subsistência física, e se transforma numa luta para satisfazer também outras aspirações humanas."<sup>21</sup>

Tais aspirações ganham mais chances de serem realizadas quando os *outsiders* conseguem se organizar como grupo socialmente coeso, com autoestima e capaz de revidar as ofensas dos estabelecidos. Frente a esse dinamismo, Elias observa a importância dos grupos socialmente organizados e hierarquizados e suas influências no comportamento de seus membros; considera que o "eu" não independe do "nós", pois o indivíduo e o coletivo se articulam em um jogo de interdependências. Sendo assim, é tida como enganosa a visão de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se totalmente independente das opiniões do "nós", o que o levaria a ser absolutamente autônomo. A suposta total independência "[...] é tão enganosa quanto a visão

---

<sup>19</sup> *Ib.*, p. 36.

<sup>20</sup> *Ib.*, p. 31.

<sup>21</sup> *Ib.*, p. 33-34. Elias reconhece que Kal Marx deu uma grande contribuição para a compreensão dessas relações, mas também afirma que o autor de *O Capital* poderia ter analisado melhor os aspectos aqui em jogo e, por não fazê-lo, disse "meia verdade", considerando que Marx delimitou o seu foco na importância da base material (apontando para a distribuição desigual dos meios de produção nas relações de poder).

inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs.”<sup>22</sup>

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a importância da coesão de grupo para os estabelecidos de Winston Parva, Elias chega à seguinte constatação: “A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo”<sup>23</sup>. Portanto, há uma satisfação extraída por aquele que participa do carisma do grupo como algo que compensa o sacrifício decorrente da submissão às normas ali em vigor.

Analisando como se dão as fantasias coletivas de *ideal de eu* e *ideal de nós*, o autor percebe que a *imagem do eu* e o *ideal do eu* tendem a ser traspassadas pela influência do coletivo. Em um grupo coeso, tais instâncias do *eu* representam experiências pessoais de um processo grupal, enquanto a *imagem do nós* e o *ideal do nós* são versões pessoais de fantasias coletivas.

A existência de relações do tipo estabelecidos-outsiders é tão difundida que dificilmente consegue-se imaginar uma sociedade humana que, a exemplo de Winston Parva, não tenha desenvolvido formas de estigmatizações voltadas para determinados grupos. O autor reforça tal ideia ao considerar que essas técnicas parecem ter relação com o sentido de sobrevivência. Os grupos, que muitas vezes vivem com medo uns dos outros, e, não raramente, sem conseguirem entender as razões do seu medo, “[...] Sempre que possível, tentam evitar que um grupo vizinho alcance um potencial maior do que o próprio.”<sup>24</sup>

Em suas conclusões, o “medo” é identificado como um fator importante na geração dos conflitos entre grupos e indivíduos, tanto que o medo de uma ameaça, vinda de outro grupo, pode gerar um ataque contra o *outsider* antes mesmo de a suposta ofensa concretizar-se de fato. Ele põe em destaque a busca pela autoestima de grupo como um modo de fortalecimento e de integração entre seus membros. Procura mostrar que, até certo ponto, grupos com mais autoestima (seguros de seu próprio valor) tendem para a moderação e a tolerância nas relações com os *outsiders*, mas o mesmo não ocorre nas seções de grupos estabelecidos cujos membros são mais inseguros, ou seja, estes estigmatizam mais (e com maior frequência) e hostilizam os que são vistos como “os de fora”. Nesse sentido, o medo é considerado um fator que influencia não somente as relações entre estabelecidos e *outsiders*, pois é algo a atravessar, permanentemente, os conflitos internos em toda a estrutura da sociedade humana. É posto em foco o medo de ser escravizado, desrespeitado, espoliado, destituído pelos outros e, diz Elias: “Não deixa de ser proveitoso, do ponto de vista prático, recordar que só se pode esperar uma maior igualdade nos ou entre grupos humanos, caso se consiga reduzir o nível do temor recíproco, tanto no plano individual quanto no plano coletivo.”<sup>25</sup>

Ao investigar sobre os grupos que entram em decadência de poder diante dos seus opositores, o autor destaca que muitos permanecem com um ideal imaginário, ou seja, como se ainda desfrutassem de um carisma coletivo quando, de fato, o mesmo já não é real.

---

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 40.

<sup>23</sup> *Ib.*, p. 26.

<sup>24</sup> *Ib.*, p. 210.

<sup>25</sup> *Ib.*, p. 212.

Não é à-toa que Norbert Elias, auxiliado por John L. Scotson, desenvolveu tal investigação com tanta familiaridade, louvável perspicácia e acuidade intelectual em sua metodologia. Ele próprio, que estudou medicina, filosofia e psicologia, e que é descendente de família judia, cuja mãe morreu em campo de concentração nazista, foi, de certo modo, um *outsider* que lutou, reagiu e buscou o seu lugar entre as *estrelas* da sociologia e da filosofia no século XX.

Obviamente não é possível, neste breve texto, trazer à tona toda a riqueza de sua obra. Todavia, é deixado aqui, quem sabe, um ponto de inspiração (e de reflexão) que possa sensibilizar os leitores para a busca das fontes originais que deram ânimo a este artigo.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Braga (Portugal): Editora Pax/Edições 70, 1980.
2. \_\_\_\_\_. *O Processo civilizador*. Vol. 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
3. \_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
4. \_\_\_\_\_. *A sociedade de corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
5. \_\_\_\_\_; DUNNING, Eric. *Deport y ocio em el proceso de la civilizacion*. Madrid: Fónido de Cultura Económica, 1992.
6. \_\_\_\_\_; SCOTSON, John L.. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
7. HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.